

Metageografia dos Arquivos de Arquitetura

Nota de Apresentação

PAULO BATISTA

Investigador Integrado

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades-CIDEHUS.UE

Universidade de Évora

pjmb@uevora.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1167-6415>

PAULA ANDRÉ

Professora Auxiliar

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Investigadora Integrada

Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território-DINÂMIA'CET-Iscte

paula.andre@iscte-iul.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9322-5510>

Em contexto de paradigma digital e de metaverso (Stephenson, 1992), de aporofobia (Cortina, 2017), de impostura moral (Galán, 2022), de réplicas da pandemia, de mudança climática, de guerra na Ucrânia, de sismo mortífero na Turquia e na Síria, e com o sentido de uma arquitetura comprometida e interrogativa, promovemos uma reflexão em torno dos arquivos de arquitetura que congregue a obra arquitetónica construída e não-construída, assumindo o passado tal como Friedrich Nietzsche (II Consideração Intempestiva, 1874) não apenas como conhecimento, mas como ferramenta operativa e criativa para o futuro.

Como construção intelectual de carácter circunstancial a arquitetura interessa-nos numa perspetiva retrospectiva e prospetiva através de um resgate contínuo da máxima vitruviana: em arquitetura a prática é inseparável da teoria, não esquecendo, como destacou o historiador da arquitetura Arnaldo Bruschi, que em cada época o interesse pela história da arquitetura nasceu como um instrumento operativo em função do projeto da nova arquitetura.

Os *corpora* documentais dos arquivos de arquitetura, na multiplicidade dos seus suportes e expressões, permitem montar dinâmicos atlas dos discursos e dos contradiscursos arquitetônicos. As afinidades eletivas entre o antigo e o novo, entre a diversidade de identidades e a transculturalidade, e entre o local e o global, englobam os atuais panoramas dominantes, os contra-panoramas e os sucessivos estratos da memória, revelando, tal como sublinha o arquiteto José Ignacio Linazasoro, que a inovação se produz sempre num contexto, e que a arquitetura se afirma hoje numa pluralidade de relatos.

Superando visões eurocentristas, a metageografia dos arquivos de arquitetura, enquanto repositórios ativos da memória, permite exercer uma arqueologia crítica dos cânones da historiografia, uma história que está sempre por recomeçar (Didi-Huberman, 2017), regular o modo como se entende a história — sempre provisória e dialógica —, formulando significados, associados a estruturas de poder e sistemas de controlo (Figueiredo, 2020), e produzir ciência nova. Assim, os arquivos de arquitetura podem desafiar suposições convencionais, montando redes de debate e de novos discursos e práticas arquitetônicas, preenchendo silêncios e vazios das culturas arquitetônicas por natureza transnacionais, e ensinando a transgredir, cumprindo a lição de Bell Hooks.

Envolvendo estas dinâmicas, a forma como os documentos de arquitetura chegam aos arquivos, quando tal acontece, mas quantas vezes numa (des)ordem definida pelo caos, levanta inúmeras questões, já que, como assumido por Manuel Graça Dias,

to say that we architects accumulate a ton of information is true. To say that I am perhaps the last person to hold forth on any efficient method of organising, storing, archiving or even throwing out that information is also true. [...] The ideal would be to have the courage not to store anything, to send everything to a huge waste bin in order to pursue real life and one's new and stimulating brainwaves on each occasion a new process begins. (Dias, 2009, pp. 45 e 52)

Por conseguinte, é fundamental que este processo de criação, feito de desenhos, fotografias, maquetas e documentos escritos, em suporte analógico e, cada vez mais, digital, seja evidenciado, ultrapassando os problemas e desafios que isso implica, para que possa ser disponibilizado à sociedade e às gerações futuras, permitindo a sua compreensão, valorização e assimilação (Conde & Vieira, 2009, p. 5).

Este desiderato, de documentar a arquitetura, as suas atividades e agentes, tem um poderoso e imparável aliado nas novas tecnologias da

informação e comunicação, em que a *Internet* permite a publicação de descrições em linha através de sistemas interoperáveis, possibilitando a consulta remota da documentação e a obtenção de cópias digitais, com ganhos indiscutíveis no que respeita à conservação e difusão da informação.

Muito mais do que uma opção, é um destino que tal se verifique, considerando que os documentos de arquitetura são indispensáveis para o conhecimento, para a construção da memória coletiva e a proteção e garantia dos direitos dos cidadãos e das instituições.

Tendo em conta os aspetos enunciados, com a finalidade de complementar o segundo número do volume XXXV de 2022, dedicado aos arquivos de arquitetura, disponibilizado ao público em dezembro desse ano, composto por quatro artigos e duas resenhas críticas, escritos em inglês e português, num total de oito autores do Brasil e de Portugal, apresenta-se agora o volume Extra 1, de 2023, sobre o mesmo tema. Para tal, evidenciam-se os aportes de reconhecidos especialistas da Europa e do Brasil, que discorrem sobre a conceptualização e estudos de casos destes arquivos, com o objetivo de promover a respetiva reflexão e debate, identificando o seu potencial, dificuldades e limitações, mas também sugerindo pistas e abrindo caminhos que possibilitam a compreensão das suas características. Deste modo, integram o presente número especial cinco artigos e uma resenha crítica, respeitantes ao supradito tema, redigidos em espanhol, francês, inglês e português, perfazendo sete autores do Brasil, Espanha, França e Itália.

O ensaio “Problemas, retos y oportunidades en los Archivos de Arquitectura”, de Andreu Carrascal, arquivista e responsável técnico do Arxiu Històric del Col·legi d’Arquitectes de Catalunya, começa por assinalar a riqueza e a diversidade dos documentos de arquitetura, cujos formatos, representações gráficas, dimensões e aspetos legais afetam a sua gestão. Como o título permite inferir, o autor retrata as especificidades, os problemas, desafios e oportunidades, presentes e futuros, que os arquivos de arquitetura colocam às instituições, e aos seus profissionais, que têm estes documentos à sua responsabilidade.

O artigo que se segue é da autoria de Riccardo Domenichini, responsável do Archivio Progetti da Università Iuav di Venezia, apresentando o título “Architectural archives, a resource for knowledge and collective memory”. Assumindo a dificuldade em definir o que é comumente designado como arquivos de arquitetura, em resultado da própria complexidade da profissão de arquiteto, a partir da qual esses documentos são produzidos, o autor explora e enfatiza a importância dos mesmos para o conhecimento, a construção e desenvolvimento da memória coletiva, a produção cultural e a salvaguarda dos direitos dos cidadãos e organizações.

Monica Cristina Brunini Frandi Ferreira, superintendente do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, do Estado de São Paulo, reflete sobre “A necessária dimensão popular e cultural dos arquivos”, que dá o título ao ensaio subsequente. Para tal, a autora traça um panorama das iniciativas concebidas no Brasil, em relação aos documentos de arquitetura, apresentando ações que atestam a relevância do seu tratamento técnico, cujo potencial informativo vai além do seu valor de origem, podendo contribuir para garantir direitos e interesses do cidadão e para salvaguardar o patrimônio cultural, aspectos fundamentais para a sua projeção na comunidade, trazendo-lhes a necessária dimensão popular e cultural.

O artigo de David Peyceré, diretor do Centre d’archives d’architecture contemporaine, da Cité de l’architecture et du patrimoine, em Paris, designa-se “Les archives d’architecture en France, un patrimoine récent et fragile”. Neste ensaio o autor verifica as causas iniciais da valorização dos arquivos de arquitetura em França, as etapas da existência do Centre d’archives e os desafios presentes com que se depara, mas também os que na atualidade decorrem da investigação em história da arquitetura, salientando a importância destes arquivos serem descritos, estudados, e disponibilizados ativamente ao público.

O último ensaio desta sequência, intitulado “Documento de arquitetura: Gênese e tratamento na perspectiva da tipologia documental”, de Ana Célia Rodrigues, professora da Universidade Federal Fluminense, e Claudio Muniz Viana, arquivista do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Sistema de Bibliotecas e Informação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, interpreta os processos de identificação arquivística para determinar a origem do documento de arquitetura como base para organização dos arquivos. Os autores destacam que no contexto da identificação, a etapa da identificação de tipologia documental encontra na abordagem da Diplomática, na sua perspectiva clássica e contemporânea, a tipologia documental, e os seus fundamentos teóricos e metodológicos.

Aos artigos apresentados, adiciona-se a recensão crítica de Ana Maria de Almeida Camargo, professora da Universidade de São Paulo, sobre a obra de Monica Cristina Brunini Frandi Ferreira, com o nome *Manual de tratamento de documentos de arquitetura*, publicada pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, em 2021. A autora promove uma apreciação e salienta a importância destas *Orientações Técnicas* para o estabelecimento de pontes entre os arquitetos e os arquivistas, sendo particularmente dirigida aos responsáveis de instituições que têm documentos de arquitetura à sua tutela.

Os supramencionados ensaios e recensão crítica convergem no reconhecimento da indispensabilidade da congregação de esforços para a implementação e desenvolvimento de redes internacionais e projetos cooperativos, apostando na concertação de políticas e definição de normas, compreendendo os produtores de documentos de arquitetura, nomeadamente os arquitetos e os *ateliers* de arquitetura, as organizações detentoras de arquivos de arquitetura e os profissionais da informação, com a missão de assegurar o tratamento — organização, classificação, descrição, conservação, preservação, acesso e difusão — dos mesmos.

Só assim, através da partilha de informação e do debate entre as partes interessadas, será possível, por um lado, mitigar a quase generalizada falta de recursos que afeta as instituições que têm à sua responsabilidade arquivos de arquitetura, permitindo, por outro, revelar, na plenitude do termo, a significância dos arquivos de arquitetura para a história e compreensão da arquitetura e do urbanismo, ao fixar as devidas permanências, ruturas e evolução, justificando o seu reconhecimento público, por via da concernente salvaguarda, acessibilidade e disseminação.

Referências bibliográficas

- Bruschi, A. (2009). *Introduzione alla storia dell'architettura. Considerazioni sul método e sulla storia degli studi*. Mondadori Università.
- Conde, M. L., & Vieira, J. (2009). Introduction. *COMMA: International Journal on Archives*, (1), 5-24.
- Cortina, A (2017). *Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafio para la democracia*. Paidós.
- Dias, M. G. (2009). From the amateur archivist. *COMMA: International Journal on Archives*, (1), 45-52.
- Didi-Huberman, G. (2017). *Diante do Tempo. História da Arte e anacronismo das imagens*. Orfeu Negro.
- Figueiredo, S. (2020). Hacia una dispersión de archivos arquitectónicos?, *Bitácora Arquitectura*, (45). <https://doi.org/10.22201/fa.14058901p.2020.45.77631>
- Galán, E. (2022). *La mascara moral. Por qué la impostura se ha convertido en un valor de mercado*. Editorial Debate.
- Hooks, B. (1994). *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. Routledge.
- Linazasoro, J. I. (2021). *La arquitectura del contexto. Una respuesta antimoderna*. Ediciones Asimétricas.
- Nietzsche, F. (2005). II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a Vida. In N. C. de. Melo Sobrinho (Org.), *Escritos sobre História*. Ed. Loyola, Ed. PUC-Rio.
- Stephenson, N. (1992). *Snow Crash*. Bantam Books.

